

O ESPOZENDENSE

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet — José da Silva Vieira. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

OBRAS E REVISTAS

«Juventude»

Logramos o grato prazer de receber esta nova revista mensal, de novos para novos, que vem de ser dada a publicidade em Lisboa, e que começa a sua luta, literária e artistica, contra os inimigos da nação.

Apresenta-se ótamente redigida e colaborada.

Obrigados, pela gentileza, e vamos permutar.

Sensacional acontecimento literário

«Áustria, Pátria Minha»

por Kurt von Schuschnigg.

Chega-nos a sensacional noticia de que, dentro de poucos dias, appareará no mercado a versão portugueza do livro «**Áustria, Pátria Minha!**», de autoria do último chanceler da Áustria (cujo paradeiro, verdadeiramente, só Hitler conhece).

«**Áustria, Pátria Minha!**» é o livro dum grande patriota, de formação católica mas respeitado até pelos seus adversários mais intransigentes. Escrito nas horas mais difíceis da Áustria, num ambiente de angústia e de incerteza pelo futuro, este livro de Kurt von Schuschnigg deve, pois, considerar-se o seu testamento político, e, por isso mesmo, um documento histórico, de inestimável valor.

«**Áustria, Pátria Minha!**» é por tudo isto, um livro a que de antemão se pode augurar o maior dos êxitos.

«Cultura e Recreio»

Temos diante nós o n.º 5 desta preciosa revista mensal que ultimamente viu a luz da publicidade em Lisboa.

Este n.º insere colaboração muito distinta e que interessa a todos.

Cada numero contém 32 paginas, a 3 columnas, formato grande, a maioria das paginas ilustradas. O custo é relativamente comodo e ao alcance de todos.

A sua redacção está instalada na rua Almirante Pensanha, 3 e 5 — Lisboa.

ILOGICIDADE DE DOUTRINA...

Todas as doutrinas quer politicas quer religiosas, são de facto motivo para grandes reflexões, largas controversias e vastissimas contradicções, afundando o homem num ambiente que por vezes ele quando o não sabe explicar, se sente contraleito.

Doutrinas há que de longo passado se têm conservado feis aos seus principios orientadores e coodernadores sem que todavia não deixem de acompanhar a evolução dos tempos.

Outras, certas do erro em que gravitam e do mal que produzem, espalhando aqui e alem o gem da insubmissão e do desrespeito, não emendam os seus propósitos nem reconhecem os seus desmandos.

Outras, acobertadas por cerimoniaes complicados pretendem impor-se como redemptores da Humanidade, enquanto por outro lado semeiam a ira e a vingança.

Eis o caso da Maçonaria que o mundo inteiro conhece não pelas suas altas qualidades morais e altruistas, mas pelos nefandos crimes sociais e também politicos que tem cometido.

O regulamento interno que rege a Maçonaria, é fóra de dúvida exalador de principios são como os de qualquer outra doutrina.

Os seus fins, belamente encapados pela mentira e asquerosidade, são dos melhores, levando ao pobre o conforto para a luta, e o dinheiro para as suas necessidades.

Os doentes, desde que estejam verdadeiramente integrados na doutrina, são socorridos pelos seus médicos como quaisquer outros competentes, e todos os medicamentos lhes são fornecidos.

Os desempregados, desde que se trate de maçons, sem dificuldade são colocados e com optimos ordenados.

Enfim, é a assistencia completa a todos os desgraçados, esboçada nos mandamentos maçonicos a letras colossais.

E até aqui nada há que deslustre a maçonaria, certos de que tôdas as instituições publicas ou privadas têm por dever e até por obrigação, velar pelas condições das classes desfavorecidas.

Enquanto, e pouco tempo isso durou, a Maçonaria só curou o aspecto social, nada mais fez que seguir o objectivo a que se propoz de inicio.

Mas desde o momento que transviou para o campo politico, desvirtuou-se por completo e tomou nova feição nos seus destinos.

Diz-se que o maçon não pode discutir politica dentro das suas lojas. Diz-se que para o maçon, qualquer politica é boa precisamente porque só tem em vista o bem comum social, mas a verdade é que semeados os beneficios, exigiu dos beneficiados uma recompensa, um sacrificio, manifestos nas desforras politicas dos mentores maçonicos.

Por intermédio dos beneficiados, quasi sempre incautos quando não ignorantes, urdiam a vingança para com o seu adversario; umas vezes religiosa outras politica, e assim nós vemos a imposição de morte a este ou aquele que não se conformando tem de ser abatido como rez no açougue...

Sendo uma seita secreta, trabalha na escuridão e trabalhando na alfurja não tem propósitos licitos, pois se os tivesse agiria ás claras.

Fomentando o ódio e a maldade, perseguindo o homem de quem se diz tam amante, claro será concluirmos que não corresponde aos interesses da Nação, e por isso deve ser afastada como iniqua e prejudicial.

Sempre na sombra, instigando os seus adeptos á prática de

«A França e o perigo da guerra»

por Paul Reynaud.

Rápidamente esgotada a primeira edição,—o que, em obras do género, é um caso raro entre nós,—está a fazer-se nova tiragem portugueza de «**A França e o perigo da guerra**», o discutido e oportuno livro do ministro francês Paul Reynaud.

Paul Reynaud é hoje uma figura de primeiro plano na politica do seu país e mesmo da Europa. Não é de admirar, pois, que os seus pontos de vista sobre o momento internacional despertem a curiosidade de todo o mundo culto, e que, por isso mesmo, se esgotem as edições dos seus livros.

Em «**França e o perigo da guerra**» Paul Reynaud consegue sintetisar todas as inquietações do seu país perante a hora que passa, e bem faz a Editorial «**Inquérito**» —Rua do Mundo 100-2.º, Lisboa—em dar-nos a conhecer o pensamento dum politico tão illustre.

Enciclopédia Histórica de Portugal

Uma das melhores casas editoras de Lisboa, abalançou-se á publicação de obras que merecem a grande aceitação de todos aqueles que amam as nossas gloriosas tradições.

E' ela a bem conhecida casa editora do nosso presado amigo, de ha muito, snr. João Romano Torres, da capital, com Livraria editora na Rua Alexandre Herculano, n.º 70 a 76, Lisboa, o qual acaba de publicar em edição puramente elegante a formosa **Enciclopédia Histórica de Portugal**, dirigida pelo eminente publicista snr. A. Duarte de Almeida, da qual há publicados 4 volumes, o último dos quais alcança á palavra **Cogominho** (Cristovão), um dos implicados na conspiração do Marquês de Vila Real contra D. João IV, e que foi enforcado em frente á cadeia do Limoeiro a 9 de Setembro de

1641.

Cada volume é formado de 250 a 300 paginas, magnificamente cartonado em percalina e com dourados finissimos ao preço de 10 escudos cada um.

Recomendamos esta obra a todos quantos se interessam pela sã historia da nossa linda nacionalidade.

Esta livraria encarrega-se de mandar vir esta e outras edições desta casa sem aumento de custo.

SÉRIE: Divulgação

Desta importantissima série de divulgação, publicada pelo Ministerio da Agricultura para ilucidação do agricultor, temos presente o numero 7 e 8, os quais tratam do *Aguado das laranjeiras e limoeiros*, pela Doutora Matilde Bensaúde e o segundo intitulado *A Botica do Antunes*, novela de propaganda sobre higiene rural que muito interessa a todos.

Agradecemos os opusculos recebidos.

Da mesma repartição tambem recebemos uma coleção de 8 folietos numerados sobre doenças que atacam a agricultura, como por exemplo «O escarave-lho americano,—A Verruga negra,—O Mildio,—Rizocónia negra,—A traça da batata (Phthorimaca aperculella),—Pé negro e apodrecimento do Tuberculo,—Os virus filtráveis e o Feneccimento Fungóide da Catateira», os quais todos tendentes á ilucidação e verdadeiro conhecimento dos nossos homens agricolas que em parte desconhecem estes perigosos inimigos.

A edição é da Repartição dos Estudos, Informação e Propaganda da Direcção Geral dos Serviços Agricolas do Ministerio da Agricultura, a quem devemos a preciosa coleção.

O IMPÉRIO

Do Secretario da Propaganda Nacional, de Lisboa, recebemos mais um opusculo com este titulo e da autoria do snr. Henrique Galvão, edição S. P. N. que vem demonstrar claramente as fazes da nossa politica imperial sob as nossas colonias.

Todos devem ler este importantissimo documento.

Muito bem escrito, belamente impresso e magnífico papel.

Castro Gonçalves & C.ª C.ª L.da

Secção Agricola—FORTO

Desta importantissima secção, estabelecida na rua José Falcão,

actos menos nobres, a Maçonaria jamais fez nem fará homens com individualidade própria e sentimentos puros que tam necessarios se tornam nos dias que passam.

Se em lugar de incutir no animo da humanidade o amor pelo proximo e o respeito pelas instituições, esparge a represália e instintos sanguinários que são sempre acompanhados de sentimentos dissolventes, o papel da Maçonaria acha-se comprometido nas bases para que a criaram.

Há na Maçonaria o interesse material. Presta-se um auxilio para se receber um favor. Dá-se de comer a quem tem fome para que possa ser autor duma reivindicação dos potentados e não sua.

Consegue-se um emprego chorudo não para que o sem trabalho sinta a felicidade no seu far, mas para que alegremente seja capaz de fazer vitimas em beneficio de celerados sem escrupulos. Tira-se da cama um enfermo, não pela agrura que lhes possa causar o sofrimento humano, mas para que esse elemento engrosse o número dos malfeteiros, que de capuz até ás orelhas, consigam sangue onde os sedentos se possam mergulhar á vontade...

E é este o programa da Maçonaria, cheio de nodoas, de crimes que bradam aos Ceus, de vilipendios que aterrorizam a humanidade inteira, fazendo de tantos lares felizes a sua desgraça, ora reduzindo-os á miséria, ora cavando-lhes funda lacuna que nem os tempos nem a vontade dos homens será capa de preencher.

Que foi o atentado de Dolfuss há poucos anos senão um atentado maçónico? E em que situação ficou a familia de tam alto valor austriaco que a cegueira maçónica não pôde tomar como exemplo?

Tudo é infelizmente o producto dos que á sua frente só vêm a vida terrena, e dos que se esquecem de que *omnis potestas a Deo*.

Ainda não chegou para muitos o momento de se persuadirem do contrário, nem mesmo talvez o remorso os tenha importunado demasiadamente.

Nada importa.

Da ilogicidade da doutrina maçónica fala-nos eloquentemente o primitivo sentimento altruista, e transformado atravez dos tempos pelo anarquista.

Dos seus fins ainda hoje apresentados por muitos como exemplo, são testemunho irrecusavel centenas de vidas que foram barbaramente aniquiladas.

E poderia o Estado Novo aceitar todo este estado de coisas sem que esboçasse o seu descontentamento?

Graças aos homens e aos bons costumes que se esforçam por implantar no seio português, a Maçonaria viu todos os seus planos destruidos porque assim o exigia os superiores interesses da Nação, a pureza dos costumes e a sinceridade de atitudes de que não são nem nunca serão capazes os maçónicos, embuidos pelo crime e pela maldade.

X. X.

AGUA Elemento fundamental da vida.

Junho, o mez em que são festejados estrondosamente os tres santos mais populares, entrou acompanhado dum calor estival, ameaçando de morte as lindas florinhas que serpenteiam pelos muros, desabrocham nos jardins e nas campinas.

Mas essa ameaça terrivel não se limita apenas aos inofensivos vegetais, paira tambem, como um fantasma aterrador sobre os habitantes de Espozende, que sentem com verdadeira aflicção este aumento de temperatura das ultimas semanas plenas de luz e de Sol.

Quanto mais o tempo aquece e o esplendente astro solar dardesja raios luminosos sobre a terra o desespero da população desta vila, que vive receosa oprimida pela falta de água, sem saber como ha-de abastecer-se, nesta precoce estiagem, do precioso liquido indispensavel ao sangue, á saude, á vida.

Irrita os nervos saber-se que os poços, inquinados estão quasi secos e que o publico fica reduzido a uma unica fonte, insufficiente para fornecer todos os habitantes e sujeita, tambem, á mesma lei.

(Continua na 4.ª página)

199, Potto, recebemos trez exemplares do **Breviario do Agricultor**, que a Sociedade de Anilinas, L.da mandou distribuir pelo paiz referente ao cultivo da batata, vinha e cereais de pravana.

E' de grande utilidade para o agricultor a sua leitura, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS:

—O n.º 25 e 26, do interessante *Boletim Industrial*, que se vem publicando mensalmente na cidade do Porto, com grande aplauso do publico a quem é de grande utilidade.

Agradecemos a remessa.

Uma obra de cultura de história nacional

Enciclopédia Histórica de Portugal

Dirigida por

A. Duarte de Almeida

O mais interessante arquivo da história pátria

Todas as figuras da nossa História tem nesta obra o seu artigo especial.

Todas as batalhas, conquistas, factos notaveis, monumentos, etc., são narrados duma forma clara e concisa.

Uma obra para portugueses estudiosos, grande auxiliar do professor, do estudante, do jornalista, etc.

Esta obra é apresentada com um aspecto pratico e económico, em pequenos volumes artisticamente cartonados, cujo preço é de 10\$00 cada volume. Deve ficar completa em 12 volumes.

Estão publicados os seis primeiros volumes que se encontram á venda em todas as livrarias e tabacarias.

Dirigir pedidos a

João Romano Torres

LIVRARIA EDITORA

70, Rua Alexandre Herculano, 76—LISBOA

Remoção de um criminoso

Foi capturado em Valença e entregue á autoridade judicial desta comarca, pelo official de diligências sr. Francisco Alves, o jornaleiro Antonio Rodrigues Lavradas, de Forjaes, que tentava evadir-se para a Espanha após um crime de ofensas corporais que cometêra neste concelho.

Deu entrada na cadeia para ser julgado.

Missa

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio incerto noutra lugar, com este titulo.

Se O ESPOZENDENSE vos agrada, assina-o imediatamente e publicai nele os vossos anuncios.

Hora Vermelha

(Exortação aos comunistas)

por **Álvaro Fernandes**

I

Ouve-me um pouco, ó turbas comunistas,
Perto de nós em lutas deshumanas,
Fazendo frente às hostes falangistas.

As ambições que tendes são insanas;
Produto são de ideas malfazejas
Que põem em guerra as multidões humanas.

Respeitai os sacrários das igrejas;
Não queimeis inocentes e crianças,
Alegres e coradas quais cerejas.

Não convertais em morte as esperanças:
Volvei a sementeira das campinas;
Pegai na enxada e abandonai as lanças.

Que as violetas brotem das ruínas;
Que as fabricas laborem com ardor,
Sem receio de maltas assassinas.

Fareis do mundo um pântano de dor,
E—olhai bem!—a vida é só Bondade,
A Beleza reside só no Amor.

Ai daquele que espalhe a Crueldade!
Ai dêsse que, firmado na Injustiça,
Derrame entre os irmãos a Iniquidade!

Cêdo ou tarde, virá sempre a Justiça
Panir os maus, vingar os inocentes
Que pela Paz, travaram dura liça.

Doido é aquele que espalha as más sementes
—Escalrachos que vão crescer no mundo,
Fazendo dêle um fójo de serpentes.

A' nossa frente, ergue-se abismo fundo:
A Guerra e a Anarquia—Esse flagêlo—
A harmonia destrôem num segundo.

Senhor! Senhor! O mundo era tão belo,
Se o ódio, filho vêsgo da ambição,
Não estivesse, sempre, a enegrecê-lo!...

Agita o mundo um rudo furacão;
De Norte a Sul, estende-se a Loucura.
Negra idade, de peste e maldição!

Estão bem perto os tempos da Escritura,
Os tempos de Sodoma e de Gógorra,
A quem o Eterno abriu a sepultura.

Que de Deus a piedade nos socorra!
Que a doce Paz ao nosso encontro venha
E o comunismo, em breve tempo, morra!...

Victoria a Franco—salvador de Espanha—,
O novo Cid que a antiga pátria ganha!

II

Escuto ao longe o eco da metralha,
O ribombar sinistro do canhão,
Nos campos desolados da batalha.

Fina-se a Espanha na devastação!
Correm rios de sangue e morticínio,
Nas várzeas, onde já não cresce o pão...

Por toda a parte, o luto e o assassinio;
A Espanha forte, ativa, de Cervantes,
Está exausta, enferma, no declínio...

Gemem nas rnas bocas ululantes,
Vêde: a miséria alastra-se nos lares;
Por toda a parte, as hordas devastantes.

Guerra no mar, na terra, e até, nos ares;
Os cadaver's, alguns já decompostos,
No chão de Espanha, encontram-se aos milhares.

A tragédia soletra se nos rostos;
Choram crianças, rôtas, nas campinas,
Ao pé das mãis, cobertas de desgostos...

As legiões, com fúrias leoninas,
Acometendo vão, em som de guerra,
As hostes dementadas, assassinas...

A corrente de sangue inunda a terra;
Na noite negra avistam-se clarões,
De vultos bem maior's que a maior serra...

Não se calam as bocas dos canhões,
Fazendo cemiterios das campinas,
Onde os mortos se enterram sem caixões...

As cidades são montes de ruínas;
Tombam igrejas, tórras, catedrais,
Palácios de belezas perigrinas,

Está a Espanha entregue aos canibais,
Essa pátria, fecunda e esplendorosa,
De Goya e doutros nomes imortais.

Idea má, semente venenosa,
Foi atirada ao solo abençoado,
Onde crescia, ao pé do trigo, a rosa.

Abandonando a enxada, a grade e o arado,
O lavrador não cuida, já, da seara,
Porque envergonhou a farda de soldado.

Em defesa da Espanha—a pátria cara—,
Dia e noite, combate heróicamente,
Com extoicismo e valentia rara.

Defende a Espanha a pátria do Ocidente,
Em labareda, a arder numa fogueira,
Atiçada por povo inconsciente.

III

O' guerreiros marxistas das Astúrias,
Que, ao serviço diabólico de Marte,
Mostrais ao mundo sanguinárias fúrias,

E' tempo de arvorar o estandarte
Que nos dará de novo, a sã alegria,
Restituindo-vos ao Trabalho e á Arte.

Comunistas ferozes da Andalusia
Ensandecidos por feroz's ideas,
Restabelecei a Paz e a Harmonia.

Nas cidades, nas vilas e aldeias
Dessa Espanha de heróis navegadores,
Como os lusos, bem dignos de epopeias.

E' tempo, já de pôr um termo ás dores,
De terminar a infernal campanha
E de cobrir os mortos com as flores.

Falangistas, ressucitai a Espanha!
Dai o socêgo a todo o mundo inteiro.
A' velha Ibéria, que o Atlantico banha!

Povo de Espanha, sai do cativoiro;
Quebra as fortes algemas comunistas
E prosegue de novo o teu roteiro!

Abre os olbos á luz aos utopistas,
Que soletram dontrinas de Moscovo,
Lunáticas, aéreas, fantasistas.

—Deslumbramento e perdição do Povo!

IV

Em atenção ao sangue derramado
Dias e días numa campanha inglória,
E' tempo, já, de dar por terminado

O feito vil, que deixará na História
Um marco escuro, negro, funerário,
De horrível e tristisima memória.

Em nome dêsse Mártir do Calvário,
Que quis morrer no cimo duma serra
Para mostrar exemplo extraordinário.

E' tempo, já, de dar por finda a guerra,
Vermelha, apocalíptica e nefanda,
A mais cruel que ensangüentou a terra,

Em honra dessa imagem veneranda,
De Maria, mãi bondosa de Jesus,
Que tudo o que há de belo e bom nos manda,

(A flor, o fruto, as pérolas e a luz...)
Pousai, depressa, as armas homicidas
E meditai no simbolo da Cruz.

Sabeis hem que são curtas nossas vidas;
A toda a hora a Morte nos espera,
Para quê tantas lutas desmedidas?

Converti o Inverno em Primavera,
A noite negra em feiticeira aurora;
Não imiteis a hediondez da fera.

Tende pena da pobre mãi que chora
Seu filho, morto em plena mocidade,
Quando o fulgor da vida o enamora.

Que vos confranja a negra saúde
Da viúva que carpe o companheiro,
Levado de roldão, na mortandade.

Apiedai-vos do misero guerreiro
Que tem, em casa, filhos pequeninos,
E, p'ra êles, não tem grão no celeiro.

Quantos de vós, também terão meninos,
Que resumam a luz dos vossos olhos,
Pois nos filhos estão os nossos destinos?

O' marxistas, livrai-nos dos escolhos;
A liberdade tórpe que cantais,
Sò vos dará espinhos e abrolhos.

Voltai aos doces lar's de vossos pais,
Cercados de papoulas e de rosas,
Por entre as hastes louras dos trigais.

Chamam por vós as noivas e as esposas
Corações onde reina o amor puro,
Que dá á vida horas deleitosas,

Abandonai êsse combate duro
E regressai aos burgos e ás aldeias,
A' vida honrada e ao trabalho obscuro.

E á sombra dos castelos com ameias,
Arando o campo, em lide na oficina,
Escrevei a maior das epopeias.

Cresça o trigo do vale e na colina,
Orvalhado por vagas de seu suor
Os que andam em missão tão assassina.

Regai a seara e cultivai a flor;
Ide desfraldando, em toda a nossa vida,
A Luz, a Fé, a Caridade e o Amor.

Amai a Paz, essa visão querida,
Que faz da terra um doce paraíso,
Serêno como a nave duma ermida.

Tende sempre, na frente, um bom sorriso;
Trazei sempre, na boca, esta verdade:
Só o cnminho da Justiça é liso.

Segue sempre por êle ó Mocidade!

V

E' tempo, já, de, á guerra traiçoeira,
Antepor o trabalho fecundante
E de arvorar o ramo de oliveira
Sôbre a Espanha ferida e agonisante.

E' tempo, já, de dar á terra nua,
A estrebuchar, aqui, á nossa porta,
O socêgo, a esperança que conforta,
Minando o solo, apenas, co'a charrua.

Montes e vales, prados e colinas,
Montanhas rudes onde a urze cresce,
Sejam jardins virentes de boninas,
Campos fecundos onde vingue a messe.

(Continúa)

Colégio Franco Lusitano

Como nos anos anteriores realizou-se no dia 10 do corrente, a recita anual dos alunos deste collegio, que correu muito atraente e com intenso entusiasmo.

A' illustre directora desta casa de instrução agradecemos a amabilidade do convite com que nos brindou.

Ministério das Colónias

ENCOMENDAS POSTAIS

O Snr. Ministro das Colónias determinou que seja estabelecida a permuta de encomendas postais, com o peso de 10 quilos entre Moçambique e a Índia.

40 milhões de sélos

Chegaram a Lisboa, vindos de Inglaterra, quarenta milhões de sélos de varias taxas, destinados ás colónias, que devem seguir os seus destinos por todo o mês corrente.

S. Tomé e Príncipe

Continuam com grande entusiasmo os preparativos para a recepção de S. Ex.ª o Presidente da República e do Snr. Ministro das Colonias, por ocasião da sua passagem nesta colónia em viagem para Angola.

DESPORTO

Futebol em Fão

Numa tarde de bom jogo e porque todos se compenetraram do seu dever, o desportivo de Fão, bateu no domingo passado o Grupo Desportivo da Serra do Pilar (Porto), por 1x3.

O resultado está em conformidade com a superioridade do grupo local que dominou tecnica e territorialmente em todo o tempo.

Os Senhores Fangueiros devem frequentar mais o campo para ajudar a Direcção em tão pesadas despesas e para que os que nos visitam levem de nós boa impressão

Um FANGUEIRO.

V. Ex.^a tem gosto em ter um fato bem feito?

—Procure a Alfaiataria Ferreira de Antonio J. Ferreira

Rua 1.^o de Dezembro
Espozende



a seca.

Sem água não se pode viver e esta falta afigura-se-me um crime inqualificavel, que aterra os mais audazes pelas consequencias funestas que podem advir.

Arripia a alma pensar nas contingencias dum incendio... e, sem o principal factor a—água—todos ficarão impassiveis, de braços cruzados, olhos atonitos, ver as chamas devorar todos os haveres e... talvez, corpos humanos!

E' de urgencia é justissimo o pedido de água. Sem ela os prados não podem produzir o elemento necessario ao gado; finam-se as sementeiras nos campos, a terra não dá pão.

Faltando a água, as doenças multiplicam-se, os bens não estão em segurança, ninguem pode sentir-se tranquilo, desaparece por completo o socego de espirito...

Aprendem-se noções de higiene na escola primaria; criaram-se aulas da mesma disciplina nos Liceus; desenvolve-se essa maréria com provas publicas especiais na Universidade; os medicos, decretam medidas de profilaxia social...e deixa-se uma Vila de categoria, berço Natal de tantos doutores, não deve deixar a maioria dos homens bons e de comprovado saber de concorrer com toda a sua boa vontade e influencia para que o mais rapido possivel se dê andamento aos trabalhos para o abastecimento da agua do Bouro a esta vila, acabando com o exiguo fiosinho esteril da nossa fonte que não chega para matar a sede aos seus habitantes!!!

E' uma calamidade, uma injustiça, uma vergonha!!!

Conjuguem-se todos os elementos de valor, todas as competencias reconhecidas, num esforço supremo e Espozende gozará o que toda a terra tem, mesmo de rudimentar civilisação—água.

DANILO.

“NATUREZA,”

Linda manhã de sol, sol matutino, daqueles sóis doirados, fulgurantes, que cruzam horizontes incessantes obedecendo ás leis do seu destino.

E' linda a natureza, e no seu hino, musicado por tantos sons vibrantes, parecem reviver mais triunfantes as obras grandiosas do Divino.

São aves que gorgeiam seus trinos por densos matagais e arvoredos, são ondas que quebram nos rochedos

dos litorais extensos arqueados, e outros mais tesoiros avultados que confiam aos homens seus segredos.

Lisbôa—1938.

HENRIQUE DE FARIA.

A PATRIA
Sociedade Alentejana de Seguros
Sede em **EVORA**
em propriedade sua.
Delegação no **PORTO**
AVENIDA DOS ALINDOS, 81-1.^o
Telefone—4903
Efectua **SEGUROS DE VIDA**
em todas as modalidades bem como:
Incendio, Cristal, Postal, Desastres no Trabalho, Marítimo, Responsabilidade Civil, Roubo, Agricola, Accidentes, individuais.
Reservas em 1932:
Esc.—3.778.546\$75
Agente em FÃO E ESPOZENDE
Antonio de Sá Pereira

A uso de banhos

Para Caldellas, Amares, partiu na ultima terça-feira, a fazer uso daquelas águas, o illustre Presidente do nosso Municipio, snr. P.e Manuel Martins de Sá Pereira, que se demorará ali alguns dias em procura de alivio aos seus padecimentos.

S. João

Tiveram as mais efusivas manifestações as festas ao Santo Precursor, que constaram das costumadas fogueiras, danças e descantes, etc.

A mocidade não deixou de festejar o seu milagroso e popular advogado casamenteiro.

Escola de Gandra

Nesta escola acaba de ser colocada, por permuta, a sr.ª D. Maria da Silva Beirão, desta vila. Os nossos parabens.

FUTEBOL

Deslocou-se no ultimo domingo a Azurara, Vila do Conde, o Espozende Sport-Club, onde foi jogar em desafio amigavel com o F. C. de Azurara, o qual terminou por 4x4.

Corrida de Bicycles

Passa, amanhã, domingo, nesta vila, uma corrida de bicycles, do Porto, com o seguinte itinerário:—Porto—Viana—Porto.

POR 7\$50

Uma lindissima caixa de papel fantasia, com 25 folhas e 25 envelopes, o que há de mais moderno.

MISSA

† Missa

A viuva do falecido José Rodrigues Quesada, desta vila, manda celebrar no dia 27 do corrente, uma missa por alma do seu chorado esposo, no templo da Matriz, sufragando o segundo aniversario do seu falecimento, esperando a concorrência das pessoas de suas relações ao religioso acto.

No mesmo dia, terão lugar mais duas com o mesmo fim, sendo uma na Igreja da freguesia de Forjães e outra na de Navais.

Espozende, 22 de Junho de 1938.